

## COMO ENTENDER A DROGADIÇÃO A PARTIR DE DELEUZE: UMA CARTOGRAFIA SOBRE O USO DE DROGAS

Matheus Magalhães Guimarães<sup>1</sup>; Arthur Lemes Rodrigues Costa<sup>2</sup>; Édio  
Raniere da Silva<sup>3</sup>; Mário Francis Petry Londero;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) – mattheusg39@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) – arthurlemez@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) – edioraniere@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) – francislonder@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O livro “O anti-Édipo”, de Deleuze e Guattari, discute sobre uma nova teoria do desejo, na qual o inconsciente funciona como uma fábrica e não como um teatro, tal como a psicanálise entende. Outra mudança se dá no entendimento do desejo, este não seria mais fruto, produto do sujeito, mas, sim, uma maquinaria desejante em produção no campo social. Pois, o que seria desejante é a máquina, desta forma o desejo seria maquinado. E quanto ao sujeito? Este estaria ao lado da máquina, como um parasita, funcionando como um acessório do desejo vértebro-máquinado (DELEUZE E GUATTARI, 2010).

A partir desta nova teoria do desejo, como poderíamos pensar o uso de substâncias psicoativas? Já que entendemos que o desejo não está no sujeito, então, como esse desejo de consumo de substâncias foi produzido? E, quanto ao uso dito “abusivo”, como ficaria? Seria possível pensarmos a dependência entendendo que o desejo não está, não é oriundo do sujeito?

No enlace com essas primeiras questões, a proposta de pesquisa afina suas análises a partir de mais algumas problematizações inspiradas em Deleuze quando comenta sobre a questão das drogas: Como falar sobre as potencialidades das drogas em uma sociedade marcada pelo proibicionismo? Como pensar o desejo pela droga? Em que medida a relação com a droga passa por uma “escolha livre” do sujeito?

Quando falamos sobre vício, ou dependência, logo temos a tendência de associar o vício a droga, ou seja, aquilo que causa o vício seria a droga (HARI, 2015). A partir desta perspectiva, podemos concluir duas coisas, a primeira é de que o vício não está no sujeito, é algo externo a ele, algo com que se relaciona; a segunda é que não poderíamos utilizar qualquer substância, sem que nos tornássemos viciados. Porém, sabemos que não é isto o que ocorre.

Carneiro (2002) comenta a presença do uso de substâncias na história da humanidade, ressaltando o quão inviável é propor uma sociedade sem drogas. Tanto que, o entendimento que temos do vício como doença é uma criação do século XIX, ou seja, é algo recente de acordo com o tempo de relação que existe entre homens e drogas.

Desse modo, podemos problematizar o que se entende por vício, pois além de substâncias podemos nos viciar em sexo, controle, aparelhos

eletrônicos, jogos, comida e tantas outras coisas que podemos consumir de maneira compulsiva (HARI, 2015).

Contudo, simplesmente aumentar o número de transtornos particulares não nos auxilia a compreendermos como se dá esta relação, podemos pensar o vício a partir de sua ligação para com a sociedade e seu contexto, no qual Birman (2003) comenta o quanto, em uma sociedade do espetáculo, as drogas são como um dispositivo para nos fazer brilhar e seguir o ritmo imposto por demandas sociais de sucesso.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo a problematização do desejo pela droga, a partir disso visa desenvolver um pensamento para além do bem e o mal, que não opere simplesmente demonizando as drogas, mas que seja capaz de compreender as potencialidades presentes no seu uso, bem como compreender os riscos associados a esse uso.

## **2. METODOLOGIA**

O método utilizado para construção do trabalho foi a cartografia, visto que, ele aposta na experimentação do pensamento (PASSOS, et. Al. 2015). A cartografia busca descobrir quais matérias de expressão, composições de linguagem, possibilitam a passagem de intensidades pelo corpo de quem cartografa junto a outros corpos que entra em contato em um campo problemático de pesquisa (ROLNIK, 2011). Neste sentido, traz uma nova perspectiva sobre o tema, bem como sobre a problemática estudada, o que capacita mapearmos novos encontros diante desse tema.

Tendo em vista que “Cartografar é mapear processos” (PASSOS, et. Al. 2015), buscou-se traçar um mapa das forças que permeiam o contexto da droga a partir de literatura que trate do assunto. Da mesma forma, estamos utilizando o livro “Almoço Nu” (BURROUGHS, 2017) e alguns filmes como “Trainspotting” (BOYLE, 1996), “Trainspotting 2” (BOYLE, 2017) e “Réquiem para um sonho” (ARONOFSKY, 2001) para enriquecer as análises. Estas obras nos afetaram, nos colocaram diante das experiências das pessoas, assim como serviram para investigarmos as estratégias das formações do desejo no campo social (ROLNIK, 2011).

Com isso, temos a pretensão de inventar pontes de linguagem, pois a linguagem já é criação de mundos. Desta forma, como cartógrafo, o que se pretende é acolher o processo de produção de realidade que é o desejo. Neste caso, o desejo pela droga.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Quando falarmos sobre as drogas, geralmente expressamos moralismos e não percebermos essa conduta, isto nos dá dimensão do quanto este tema está marcado em nossos corpos. A lógica proibicionista demoniza as drogas e

assim nos dificulta conhecer, problematizar, de modo que possamos construir outras realidades sobre a “verdade” que eles nos contam.

Seria possível ao corpo optar por outra coisa? “Pense no melhor orgasmo que você já teve... multiplique por mil, e ainda assim não chegará nem perto” (BOYLE, 1996). Diante de tamanha potência sentida, como o corpo poderia agir de outra forma? Querer uma outra coisa? Talvez daí surja a questão vício.

De acordo com a OMS a dependência é: “um transtorno da função cerebral ocasionado pelo consumo de substâncias psicoativas. Estas substâncias afetam os processos cerebrais normais da senso-percepção, das emoções e da motivação”. (2004, p.13)

Em contraponto a esta concepção farmacológica, o psicólogo Bruce Alexander que investigou a questão do vício e o ambiente. Em seu experimento “RAT PARK” o americano atentou para o uso que os ratos faziam das drogas, e percebeu que esse não estava relacionado a uma necessidade química, mas, sim, para suportar alguma situação adversa em que estivessem vivenciando. Deste modo, ele associou o uso abusivo ao ambiente e não à substância.

Com uma perspectiva próxima, Birman (2003) problematiza a questão da toxicomania, a qual tem sido a forma da sociedade regular o sofrimento, tanto pela busca dos fármacos, como também das drogas ilegais.

Diante destas perspectivas, tanto a visão farmacológica, quanto a social, seriam interessantes de mapearmos para analisarmos o que ocorre na produção destes desejos, acrescentando assim uma nova perspectiva sobre o uso. Para isso, pretende-se abordar os conceitos de Deleuze e Guattari: Corpo sem Órgãos (2012) e de máquina desejante e máquina social (2010). Não temos propriamente resultados, pois a pesquisa está em curso.

#### **4. CONCLUSÕES**

A realização deste trabalho, que ainda está em processo de construção, tem contribuído na desconstrução de algumas certezas tidas pelos pesquisadores, bem como tem auxiliado em uma nova produção de sentido sobre a perspectiva do uso de drogas. Sobretudo, quanto aos fatores que permeiam esse uso, os tipos de uso, as produções de saber-poder que implicam em patologias, a busca da felicidade por meio das substâncias, assim como a evitação do sofrimento. Todas essas forças nos permitem modificar o sentido que se atribui a problemática estudada, o que contribui para que se pense uma nova estratégia de cuidado, na qual por meio da experiência cartográfica, os pesquisadores vivenciem e produzam novos meios de existência.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003. p. 186 – 249.
- BURROUGHS, W. S. Almoço Nu. São Paulo: Companhia de Letras, 2016.
- CARNEIRO, H. A Fabricação do Vício. A CONSTRUÇÃO DO VÍCIO COMO DOENÇA: O CONSUMO DE DROGAS E A MEDICINA. Belo Horizonte, 2002. XIII Encontro Regional de História (Anpuh-MG). Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre Psicoativos, 2002.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um Corpo sem Órgãos? Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo: Ed. 34, 2012. Cap. 6. p. 11 – 34.
- HARI, J. Chasing the Scream: the first and last days of the war on drugs. Londres: Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2015.
- Organização Mundial de Saúde. Neurociência de consumo e dependência a substâncias psicoativas: resumo. Genebra. 2004.
- ROLNIK, S. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.
- PASSOS, E., KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. – Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 7 -31.